

Sesc





301



No Ceará, iniciamos um importante trabalho de valorização da cultura popular por meio da Mostra Sesc Cariri de Culturas. Mais do que o encontro das diversas manifestações e linguagens artísticas, a Mostra Sesc jogou no território fértil do Cariri, ao longo de duas décadas, as sementes da preservação das tradições populares tão bem representadas pelos mestres da cultura.

No entanto, além de fomentar, apoiar e promover as tradições populares que perpassam gerações, era preciso criar lugares de memórias, espaços afetivos para compartilhar a vivência com o ser e fazer dos Mestres da Cultura. A Fundação Casa Grande, parceira do Sesc, iniciou o trabalho de identificação, catalogação dos primeiros espaços, nomeando-os de Museus Orgânicos, espaços vivos, abertos à visitação.

Espaços que permitem incont aveis experiências: apresentam o trabalho dos mestres, empoderando-os no espaço afetivo da família e no território da casa, ao mesmo tempo que abrem as portas para a comunidade, para as novas gerações compartilharem o saber que, até então, residia apenas na memória.

Na concepção e construção desse projeto identificamos potencial para uma rede de Museus Orgânicos, um caminho para o fomento à economia criativa e ao turismo social.

Enquanto gestor do Sistema Fecomércio Ceará, tenho orgulho de ter colaborado com essa iniciativa que tem transformado a vida dos Mestres da Cultura, ao mesmo tempo que modifica o entorno das suas casas, da comunidade e da região. Meu compromisso é apoiar e fortalecer esse projeto grandioso que são contribui com a preservação da nossa história, da nossa memória e do nosso potencial criativo.



Luiz Gastão Bittencourt
Presidente do Sistema
Fecomércio Ceará



CASA GRANDE



CONTÉÚDO

MUSEUS ORGÂNICOS	12
A ORIGEM DAS ORIGENS	21
MUSEU DO CICLO DO COURO MEMORIAL ESPEDITO SELEIRO	24
MUSEU CASA DO MESTRE ANTÔNIO LUIZ	34
MUSEU OFICINA DO MESTRE FRANÇUILI	44
MUSEU CASA DO MESTRE RAIMUNDO ANICETO	52
MUSEU CASA DO MESTRE NENA	64
MUSEU CASA OFICINA DE DONA DINHA	74
MUSEU CASA DA MESTRA ZULENE GALDINO	86
ARQUITETURA DO AFETO	99
ROTA DOS MUSEUS ORGÂNICOS NO CAMINHO DO TURISMO SOCIAL	106
PARA ALÉM DOS MUSEUS E TERRITÓRIOS: A CHAPADA DO ARARIPE	110





MUSEUS ORGÂNICOS

São expressões dinâmicas da criatividade humana. São cenários vivos e ativos da cultura e do saber fazer popular, abertos nas casas dos mestres que os receberam de herança de seus ancestrais e os mantêm autênticos.

Lugares inovadores de partilha da memória, os museus orgânicos são estruturas de conhecimento e de transmissão fértil e permanente da história, da cultura e das artes dos povos, nas suas mais particulares manifestações.

Expressões identitárias de um povo, hibridando todos os tempos e todas as linguagens das artes e da cultura popular, os museus orgânicos são as portas abertas que conduzem do passado para o futuro a história de um povo, construída e interpretada pelos seus verdadeiros obreiros, oferecendo uma narrativa de interface cultural de possibilidades amplas e de participada valorização territorial.

Fortemente comprometidos com a sustentabilidade inteligente da gente e das regiões, os museus orgânicos organizam-se em rede de malha larga, que se estende em todo o território, numa disposição criada a partir das casas dos mestres, num diálogo contínuo com as realizações coletivas cotidianas.

São museus abertos, tomando o formato de museu casa, museu oficina e museu casa oficina, em razão do conteúdo diverso que revelam. Estruturas fixas (econômicas e sociais) e material móvel articulam-se de modo a valorizarem-se mutuamente e, de modo direto e numa perspectiva de uso social do patrimônio, a comunidade no seu todo é envolvida e se sente beneficiária e promovida.

São lares, onde homens e mulheres surgem como contadores de narrativas, como cidadãos inclusos, como atores vivos da história. São espaços que inspiram o turismo de base comunitária e permitem às famílias monetizarem suas economias.

São moradas, cujas paredes ganham cores de outros tempos e as platibandas, em suas formas singelas, exibem a casa renovada, num diálogo harmônico com tempos e geografias que atravessam o mar até alcançarem o Norte da África.

Implementada na região do Araripe, no Nordeste do Brasil, a ideia, gerada na Fundação Casa Grande Memorial Homem do Kariri, tem já abertos 7 museus orgânicos, viabilizados pelo Sesc; esta preservação, vivificação e transmissão das expressões artísticas populares de modo autêntico e participado e sua mobilização para um processo inovador de sustentabilidade e desenvolvimento dos povos está hoje suficientemente experimentada para poder ganhar o mundo, ao serviço da cultura e das artes populares, da qualidade de vida dos indivíduos e do reforço identitário das comunidades.

*Maria da Conceição Lopes
PhD Arqueologia, Coordenadora do CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia,
Artes e Ciências do Patrimônio da Universidade de Coimbra - Portugal*



*“EXPRESSÕES IDENTITÁRIAS DE
UM POVO, HIBRIDANDO TODOS
OS TEMPOS E TODAS
AS LINGUAGENS DAS ARTES
E DA CULTURA POPULAR”*

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES







DESTA CASA
NASCEU A CIDADE
DE NOVA OLINDA

A ORIGEM DAS ORIGENS

Situado na Região Sul do Estado do Ceará, na divisa com os Estados de Pernambuco, Piauí e Paraíba, o Cariri é o berço das tradições populares, território de onde brotam as raízes profundas da identidade de um povo que preserva, na sua memória, na música, no canto, na dança, no cordel e nos festejos, a arte de contar histórias. Nas ruas, nos terreiros dos mestres da cultura popular, nos teatros, praças e avenidas, essas tradições não apenas se mantêm vivas e atuantes, mas, principalmente, são perpetuadas e transmitidas para as novas gerações.

Uma das iniciativas para a manutenção e a transmissão da cultura popular é o Projeto Museus Orgânicos, que tem como principal premissa estabelecer um vínculo entre o legado histórico do saber dos mestres e onde inicia e reside a tradição: suas moradas. Assim, suas próprias casas se transformam em lugares de memória e de afeto,



permeados de fotografias, vestimentas, instrumentos e tudo aquilo que marca o cotidiano desses mestres. Para além dos objetos pessoais, os museus orgânicos mostram aos visitantes o bem mais precioso, embora intangível, que é o saber.

A primeira experiência, ou laboratório, para o surgimento dos Museus Orgânicos foi a criação da Fundação Casa Grande, onde também funciona o Memorial do Homem Kariri, criado por Alemberg Quindins - Músico de formação popular, historiador autodidata, socioeducador e Doutor Honoris

Causa, título concedido pela Universidade Regional do Cariri (URCA) -, tendo como ponto de partida a restauração da primeira casa construída em Nova Olinda, cidade localizada na Chapada do Araripe. A casinha azul, que havia sido do seu avô, Neco Trajano e foi totalmente reformada, destaca-se na paisagem, é a primeira peça do museu, uma vez que sua origem vem do século XVIII.

Desde o seu surgimento, em 1992, a Fundação Casa Grande atrai crianças e adolescentes da região. Ali, eles produzem vídeos, jornais, histórias em quadrinhos, além

de participarem de diversas atividades de formação. Os primeiros meninos, hoje já adultos, ensinam o que aprenderam na casinha azul aos mais novos, que, por sua vez, vão transmitir o que estão aprendendo neste momento para as futuras gerações. Como Alemberg faz questão de dizer, o objetivo da Fundação também é o de desenvolver a capacidade de liderança das crianças, a partir da promoção dessas ações de arte, comunicação e educação.

O Memorial do Homem Kariri faz um profundo resgate da preservação da história dos habitantes do vale do Cariri.

No acervo, doado pelos moradores, destacam-se peças líticas e cerâmicas, registros rupestres, fotografias, além de lendas e mitos da região. As crianças fazem parte de toda a dinâmica do espaço, a partir de um trabalho com educação patrimonial. Lá, elas têm aulas de arqueologia, mitologia, museologia e conservação do patrimônio.

No Memorial e na vida, as crianças e os adultos de Nova Olinda são protagonistas de suas próprias histórias: são eles os detentores do conhecimento, que já é transmitido com maestria para as próximas gerações.

MUSEU DO CICLO DO COURO

MEMORIAL ESPEDITO SELEIRO

A beleza do couro pelos traços
de Espedito Seleiro em Nova Olinda







Dois pés dos vaqueiros ao desfile fashion, muita coisa mudou na história do couro e da cidade de Nova Olinda depois que Espedito Seleiro decidiu fazer um baú para sua mãe.

A história começa em Nova Russas, município situado no oeste do estado do Ceará. O pai fazia sapatos para vaqueiros, tropeiros e ciganos. Espedito, ainda aprendiz, pegava o resto dos couros usados nas peças e fazia as suas.

O artesão põe em prática o conhecimento de cinco gerações. Ao lado de uma equipe de aproximadamente 20 pessoas, Seleiro conta que, se por acaso morresse amanhã, seus cinco filhos continuariam a tradição de manuseio do couro herdada pela família.

Seleiro fez peças para filmes, novelas e desfiles, mas, como ele explica, não se orgulha tanto disso, pois "qualquer pessoa para mim é importante". A memória do Mestre Espedito Seleiro está, hoje, cotidianamente na oficina de trabalho dele e no Museu do Couro.





MUSEU CASA DO MESTRE ANTÔNIO LUIZ

O reisado de couro de Potengi
mantém viva a tradição
de máscaras

Um local para conversar sobre histórias e saberes. É uma casa simples, porém convidativa, viva, repleta de memórias, valores e fazeres, que se abre para quem deseja conhecer mais sobre suas raízes e tradições, tão bem preservadas e vividas; onde o Mestre Antônio Luiz se sente à vontade para receber visitas e passar adiante aquilo que tanto sabe e gosta. Sua própria vida, inclusive, entrelaça-se aos sons e ruídos produzidos pelos personagens e brincantes de reisados. Conversar com as pessoas sobre sua vida é aprender também sobre o quão rica é a nossa cultura.



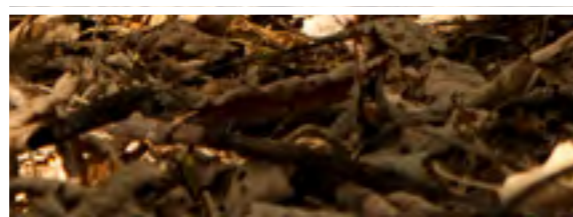




Mestre Antônio Luiz, sim, é rei! Nasceu em Potengi, região do Cariri, em 1957, cidade onde mora até hoje. Referência como mestre de cultura, é idealizador e brincante do Reisado de Máscaras, no Sítio de Sassaré. Sua casa, onde mora há mais de 40 anos, tornou-se um lugar muito importante para a memória do nosso povo. É lá onde o também agricultor conversa, lembra e relembra sobre as tradições que aprendeu ainda na infância.

Enfeitando as paredes da sala de visitas, estão as fotografias deste folguedo que faz parte da vida de Antônio Luiz desde 1975, quando entrou para o reisado. Também estão expostos os instrumentos musicais e as máscaras dos caretas: o Velho Bacurau, a Velha Quitéra, o boi, a burrinha, o urubu, o jegue, o carneiro, o cavalo e a ema, personagens do reisado que todos os anos ganham vida no terreiro do mestre, sempre nas Festas de Reis.

Violão, zabumba, pandeiro e triângulo conduzem os movimentos caretas, que emitem sons no decorrer dos entremeios, pequenas encenações com as figuras do reisado. Antônio Luiz sabe, como ninguém, as seqüências da brincadeira e da arte de esculpir as máscaras, pois preserva na memória, há quatro décadas, o que aprendeu com os mestres que brincavam antes dele.



“

EU COMECEI SENDO BRINCANTE DE UM SENHOR DE POTENGI, POR NOME DE CHAGAS. EU FICAVA BRINCANDO E PRESTANDO ATENÇÃO COMO ERA QUE ELE CHAMAVA AS FIGURAS, PORQUE ESSA BRINCADEIRA NOSSA É CHAMADA, NÃO É CANTADA, E EU APRENDI DE CABEÇA, PORQUE NÃO SEI LER

Mestre Antônio Luiz





MUSEU OFICINA DO MESTRE FRANÇULI

De tanto observar
os pássaros,
Mestre Françuli
quis voar de Potengi





A história do Mestre Françuli começa nas brincadeiras com as outras crianças no alto de um pé de Juá. Na volta do caminho da roça, ele observava os pássaros voando e já tinha uma fascinação por tudo que não encostasse os pés no chão. Seu sonho ganhou forma quando um avião cruzou o céu da roça do seu pai, em meados de 1948, e despertou no menino o desejo de voar.

“Comecei a fazer avião, aí os meninos vinham brincar mais eu (...), quando era de noite, eles ajudavam a guardar e eu colocava no quarto para brincar no outro dia”, lembra o Mestre.

Por 12 anos, ele trabalhou para o Centro de Artesanato do Ceará (CEART) de Fortaleza. Todos os meses, o mestre enviava, de Nova Olinda, uma determinada quantidade de aviões para serem comercializados como brinquedos na capital cearense. A técnica de utilizar flandres e zinco se tornou obra exposta no Museu da Criança, em Salvador, Bahia, e em mais dois museus paulistas.

Além dos brinquedos, ele constrói utensílios e equipamentos, como fornos e pás. Já adaptou baldes para coletar água nas estreitas cacimbas do sertão, inventou tubos de armazenar legumes e até hoje sabe fazer os candeeiros que antigamente flamejavam para alumiar as casas.







MUSEU CASA DO MESTRE RAIMUNDO ANICETO

Taboca, zabumba
e couro de bode:
o retrato dos homens
de pífano do Crato





Situado no bairro Seminário, o Museu Casa do Mestre Raimundo Aniceto é o primeiro museu orgânico do Crato, homenageando a trajetória do grupo na cultura popular, com a proposta de manter viva a dança do povo Kariri, através da tradição herdada da música.

Instrumentos feitos à mão e ritmo guiado pelos pés. Aos 12 anos, o Mestre Raimundo começou a brincar na dança que envolve instrumentos e passos influenciados pela cultura indígena dos índios Kariris, os primeiros habitantes da região. Hoje, são seis homens no grupo, todos com laços sanguíneos e culturais.









MUSEU CASA DO MESTRE NENA

NESTA CASA, AS ARMAS
DO CANGAÇO SE FIZERAM
ARTE E LEVAM AO MUNDO
A CULTURA DA PAZ.







O primeiro museu orgânico a ser inaugurado em Juazeiro do Norte, no bairro João Cabral, é o do Mestre Nena. Em sua própria casa, o espaço é, antes de tudo, um ponto de escuta por recontar a história da cultura popular regional.

Foi em maio de 1963, aos 12 anos, que Nena começou a brincar na tradição. Aprendeu a dançar com o Mestre Moisés Ricardo e, com o passar do tempo, foi absorvendo a cultura de outros mestres. Foi no grupo Bacamarteiros da Paz, do Beato Zé Lourenço, que Nena se encantou com a tradição do bacamarte, presente até hoje na sua trajetória artística.

Embora a dança elabore os passos com auxílio de um bacamarte artesanal, representação de uma arma de fogo, ele explica que a tradição não incita a violência. “Pelo contrário, fazemos um trabalho, tiramos muitos jovens das ruas e puxamos para a brincadeira”, completa. O intuito é brincar, por isso são da paz, como o próprio nome do grupo enuncia.





“

A CULTURA POPULAR É TUDO,
ELA É TUDO EM MINHA VIDA,
EU SEM A CULTURA QUASE QUE NÃO
SOU NINGUÉM. ELA TRAZ ALEGRIA,
DIVERTIMENTO, CONHECIMENTO
DO MELHOR.

Mestre Nena

MUSEU CASA OFICINA DE DONA DINHA

Entre a roça e o artesanato,
a delicadeza de Mestra Dinha
nas redes de Nova Olinda





O barulho da madeira do tear conduz cada pequeno gesto de Dona Dinha, que ainda tem forças nas pernas e nos braços para puxar o pente. Do bairro Vila Alta, em Nova Olinda, o tempo de Dinha passa na parte de cima da porta, primeiro pela vista, depois pelos pés. Uma rede por semana, um ponto por dia e assim por diante.

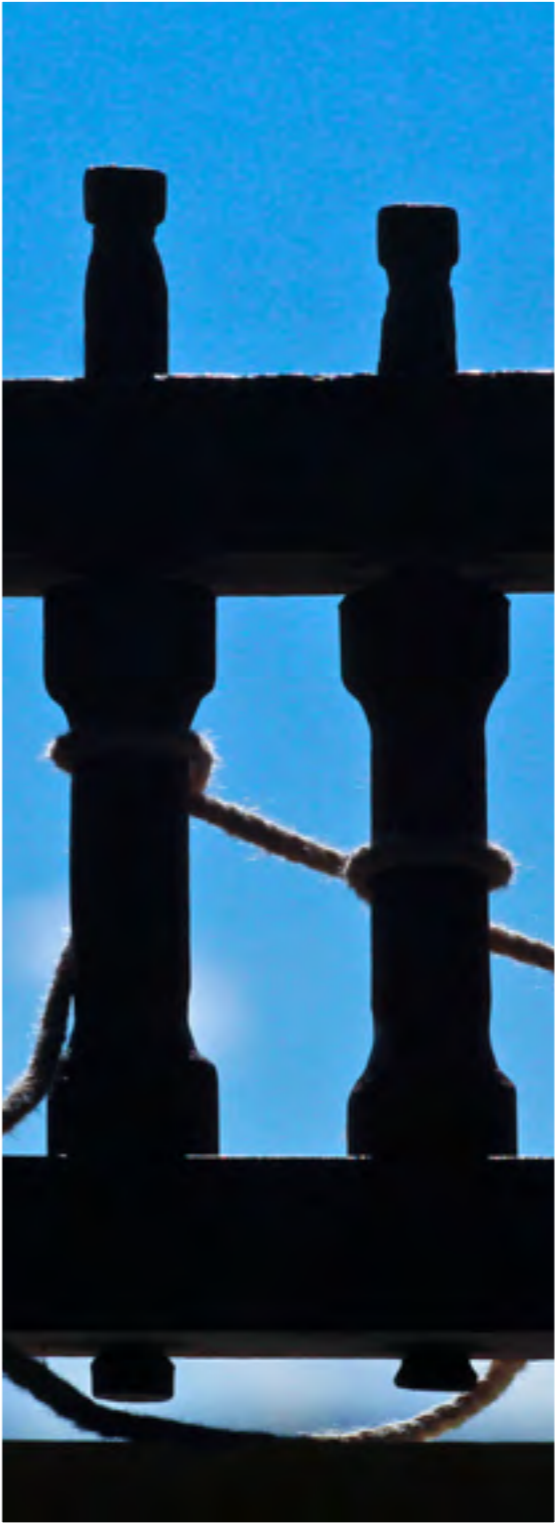


Aos 68 anos, as mãos da Mestra apresentam as marcas de dois caminhos: da roça e do artesanato. Foi observando a irmã mais velha fiar e tear redes que a Mestra Dinha começou a aprender sobre o manuseio de tecidos. Ela tinha 12 anos quando fez a primeira rede e, para ela, o aprendizado era um suspiro para além da rotina de trabalho.

Os pés, em cima de uma plataforma de madeira, se mexem para frente junto com as pernas e os braços, que fazem o mesmo movimento. Suas redes são grandes e se destacam por apresentarem maior resistência e por trazerem os pequenos gestos sábios da mestra. O desejo de ensinar perpassa a fala. É nesse ponto que ela destaca a principal utilidade do museu: contar a história das mulheres que quiseram ir além da roça.







MUSEU CASA DA MESTRA ZULENE GALDINO

Guardiã de talentos
diversos do Cariri,
Mestra Zulene encontra
na cultura e na tradição
um sentido de vida





Amor pela cultura popular move a vida da Mestra Zulene Galdino. Com alma brincante, é figura conhecida e respeitada na região, seja por participar ativamente de grupos de tradições ou simplesmente por ensinar a magia das danças populares para a nova geração. Entre quadrilhas, maneiro pau, lapinhas e cintura fina, ela é uma defensora da tradição e não se vê fazendo outra coisa na vida.

Dividida entre as coreografias, a confecção dos trajes e o toque de instrumentos, Zulene Galdino não faz cerimônia. Atenciosa e bem-humorada, ela diz que sempre tem tempo para receber as pessoas em sua casa e falar sobre a cultura do Cariri. E não é só isso. A mestra é também uma das mais conhecidas e requisitadas rezadeiras da região. Para receber sua bênção, vem gente de todo lugar. “Quando a energia boa chega e a ruim sai, vem aquela felicidade”, explica, com sabedoria.

Não deixa de ser uma espécie de missão, como a própria mestra costuma dizer. Mestra Zulene é uma verdadeira guardiã da nossa tradição, em suas mais variadas manifestações, mas não só isso. “Faço questão de ensinar os meninos daqui para que eles possam dar continuidade a tudo isso”, diz. Em Granjeiro, bairro localizado no município do Crato, a mestra abre a sua casa para tantos saberes e histórias. Nas prateleiras, mostra com orgulho os tantos troféus que conquistou ao longo dos anos. Só com a quadrilha junina infantil, foi campeã estadual 25 vezes.



Um dos lugares de afeto da sua casa/museu é o agradável e espaçoso quintal. Além de ser palco das terreiradas, descritas como grandes festas nas casas dos mestres, é lá onde a meninada se encontra para brincar e participar de rodas de leitura. Com um acervo de livros infantis, ela ajuda essa turminha a aprender a ler e soltar a imaginação. Para a Mestra Zulene Galdino, em sua simplicidade e (muita) sabedoria, conhecimento é poder. Fazer isso é a melhor forma de tornar essas crianças, de fato, os próximos guardiões da arte, da história e da memória do Cariri. Assim como ela, nos tempos de “menina caboquinha do mato”.







ARQUITETURA DO AFETO

“...Na riqueza das pequenas coisas, em um território de convivência e carinho, namorei a minha Rosa sob uma arquitetura de afeto... Amor! Namorada.

Em cada canto... Na morada, um sorriso em forma de brisa, numa cortina fina de luz, adentra a porta, sobe e desce escadas, abre janelas, brincando no terreiro, florindo meu coração. Na morada.

As redes balançam pelas varandas, na varanda que some e reaparece abraçando a morada, enamorada pela beleza que em arquitetura aflora. Adentro, penetro... Como se fosse em tu, morando eu mesmo dentro de mim

Namorada. Eternamente a minha. Na morada.

O coração do que denominei de “Museus Orgânicos” não vem de teses acadêmicas ou tratados científicos. Vem do poder que tem a arquitetura de reunir em traços visíveis o sentimento humano de forma poética e se manifestar em afeto e arte. A invisibilidade do encantado se apresenta em forma de simplicidade na relação entre a natureza humana e o espaço ocupado.

Alemberg Quindins

Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri



REDE DE ENCONTROS

Não é mais permitido às casas de Dona Gorete e de Dona Rosa um minuto sequer de solidão. Desde que elas aceitaram abrir as portas da morada para virar um museu orgânico, a condição de vazio não é mais compatível com os seus lares. E elas comemoram. Achem bom receber os visitantes, pessoas interessadas em conhecer aquela tradição tão vivenciada por elas no dia a dia.



Museu Orgânico, no enredo delas, é companhia e afeto. Desde que o museu se fez presente em suas casas, uma rede de encontros está sendo construída. É receber o outro e ter com quem compartilhar a tradição, que elas conhecem tão bem, e também um pouco de suas vidas, intimidades e cotidiano. É compartilhar o café, a água, um tempinho durante o dia, um dedo de prosa.

A casa bem arrumada e a preocupação em ter sempre alguém ali para receber os visitantes mostra um pouco do carinho dessas mulheres pela tradição defendida e mantida pelos maridos. Elas não são brincantes, mas são partícipes dessa arte popular. São conhecedoras e admiradoras.

Maria Gorete Ribeiro Novaes é esposa do Mestre Nena, que é responsável por movimentar o grupo Bacamarteiros da Paz, representando o cangaço e o misticismo popular. A responsabilidade dele em manter essa tradição não é menor do que a dela. São complementares. Na casa pintada de azul com branco, na Comunidade João Cabral, em Juazeiro do Norte, onde faz morada o Museu Casa do Mestre Nena, é Dona Gorete quem reina.

Limpa a casa, oferece café e água aos visitantes, explica a eles, sempre tão curiosos, as peculiaridades do grupo. Sobre os Bacamarteiros da Paz, conhece tudo. Nunca brincou, mas sempre acompanhou de perto, o que lhe dá gabarito suficiente para conhecer todos os detalhes dessa tradição.



Assim que soube que os Bacamarteiros da Paz iriam virar um museu orgânico, ficou emocionada. Uma tradição tão bonita, tão rica de saber popular tem que ser reconhecida e mantida, na concepção de Dona Gorete. Mas veio uma inquietação: como sua casa daria lugar a um museu? A resposta veio através de uma visita, que acabou virando referência. A casa de Dona Rosa, que já tinha virado museu orgânico, acalmou o coração de Dona Gorete.

A casa de Raimunda Pereira dos Santos Rosa e do Mestre Antônio Luiz, idealizador e brincante do Reisado de Máscaras, fica no Sítio de Sassaré, em Potengi. Lá, Dona Rosa se preocupa em deixar a casa sempre limpa para os visitantes. É porque, desde que o museu ali se instalou, a calma deixou de ser a companheira de todas as horas.

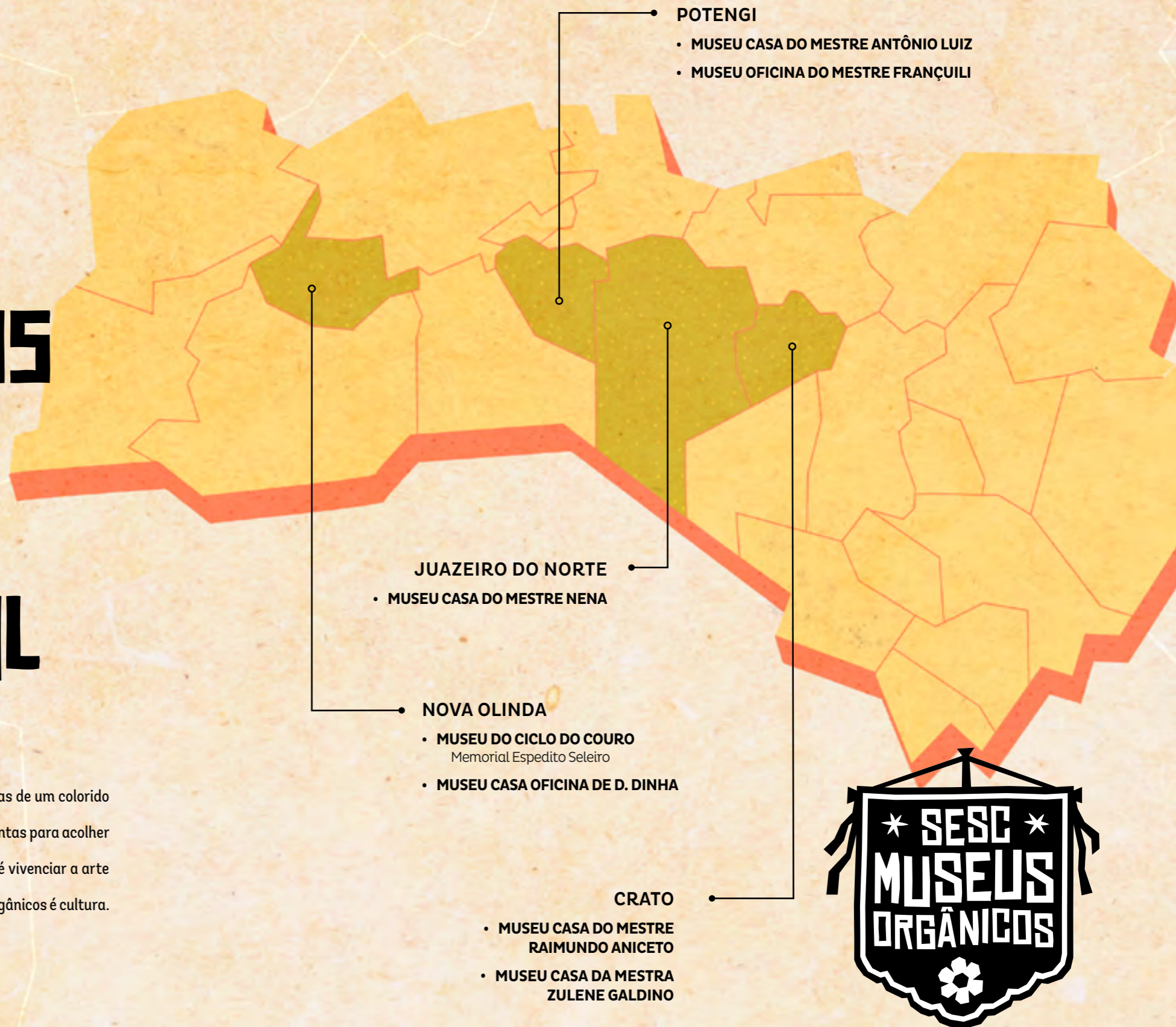
Dona Rosa fica feliz ao dizer que, se antes não recebiam ninguém em sua casa pintada de laranja, a partir dos museus orgânicos, o movimento na morada é outro e a alegria também. Não apenas as vestimentas, fotografias, instrumentos e tudo que contribuiu para a criação do Reisado de Caretas de Couro viram vivências para os visitantes do Museu Orgânico Casa do Mestre Antônio Luiz, as companhias de Dona Rosa e do mestre também fazem parte dessa troca.

Assim, os Museus Orgânicos compartilham os testemunhos materiais e imateriais de cada família que reverbera essas tradições no Cariri. Para as mulheres à frente dos grupos, os museus são uma extensão de suas casas e de seus cotidianos, talvez até de uma parte de si mesmas.



ROTA DOS MUSEUS ORGÂNICOS NO CAMINHO DO TURISMO SOCIAL

chão bem varrido, encerado ou passado o pano. As paredes caiadas de branco ou pintadas de um colorido bem forte. Aquele cheiro de casa arrumada, comida no fogo, janelas e portas abertas, prontas para acolher quem ali chegar. Visitar os Museus Orgânicos é se permitir ir além de uma observação - é vivenciar a arte da forma mais humana possível. É entrar nesses espaços como quem entra num abraço. Museus Orgânicos é cultura.



Ali, nas paredes e chão das casas dos mestres da cultura do Cariri, está exposto um pedaço importante das tradições culturais do Ceará, dando a oportunidade ao visitante de fazer um mergulho na vivência e saberes desses homens e mulheres. Por isso, o conceito dos museus orgânicos abraça tão bem a ideia do turismo social, de deixar o turista absorver de forma direta e natural essa vivência com a cultura, contada pelo seu próprio criador e também dono da casa.

Essa rede de museus orgânicos é naturalmente um caminho para o fomento à economia criativa e ao turismo social. Através dela, abre a possibilidade de uma nova dinâmica econômica, gerando pequenos novos negócios, favorecendo o desenvolvimento do empreendedorismo e impulsionando uma cadeia produtiva de turismo nas cidades.

Abrir as portas dos museus orgânicos para a comunidade não é só permitir que turistas, visitantes e as novas gerações conheçam o saber popular dos mestres de cultura, mas é também gerar oportunidades para o desenvolvimento econômico local e regional através da economia criativa e do turismo social.



PARA ALÉM DOS MUSEUS E TERRITÓRIOS: A CHAPADA DO ARARIPE

A região do Cariri é o berço de uma das mais importantes manifestações culturais e tradicionais do País. Não é para menos! Para quem já vive ou para quem chega, a região transborda arte e memória. É um lugar onde a ancestralidade se expande e se conserva, a exemplo dos Museus Orgânicos. Pelas mãos e memórias dos mestres, a cultura é cuidada e preservada. São homens que, em sua simplicidade, são cientes da importância do seu papel em perpetuar e difundir o que tão bem sabem.

O Cariri cearense tem mais! Uma das riquezas da região é a Chapada do Araripe, que também faz divisa com os estados de Pernambuco, Piauí e Paraíba. Sua riqueza natural é tamanha que a Chapada abraça quatro biomas: a mata atlântica, caatinga, cerrado e o carrasco, sendo praticamente um resumo da biodiversidade do Nordeste. Também é conhecida e admirada por suas fontes naturais, grutas, sítios arqueológicos e paleontológicos, para além de sua vasta cultura popular, entre tradições, ancestralidade e patrimônio humano





Não é de hoje que o Sesc, em parceria com a Fundação Casa Grande, vem dialogando com a comunidade a importância cultural que se estabelece neste território. Dessa forma, por meio de encontros com organismos internacionais balizadores do patrimônio imaterial, pensou-se na proposta de reconhecer a região que compreende a Chapada do Araripe como Patrimônio da Humanidade, título mais importante pela salvaguarda cultural e natural.

E foi assim que nasceu o I Seminário Internacional Patrimônio da Humanidade Chapada do Araripe, que aconteceu de 06 a 09 de agosto de 2019, nas cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Nova Olinda, contando com mais de 300 inscritos. Participaram do evento agentes culturais da região, mestras e mestres da cultura popular, palestrantes nacionais e internacionais, como pesquisadores do Marrocos e de Portugal, além de representantes institucionais, tanto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), como da Associação de Gestores Culturais do Algarve, entre outros.

POTENCIAL HISTÓRICO, ARTÍSTICO E CULTURAL

Na abertura do evento, Fabiano Piúba, Secretário de Cultura do Ceará, explicou que o processo de reconhecimento da Unesco perpassa ações culturais, sociais e políticas. A boa notícia é que Candice Ballester, representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), atestou no Seminário a relevância do território, ao afirmar que “a riqueza da Chapada do Araripe existe, e ela é viva”. A diretora do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Eneida Braga, e o integrante do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos), também reconheceram o potencial da pesquisa levantada, bem como a viabilidade do projeto da candidatura.

As discussões giraram em torno dos diversos aspectos sobre as potencialidades da Chapada do Araripe se transformar, de fato, em Patrimônio da Humanidade. Nesse sentido, Julião Sampaio, Presidente do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos), associação não governamental ligada à ONU, e historiadores do Instituto Vale Caririense, por exemplo, destacaram a figura histórica de Padre Cícero e os símbolos culturais populares e religiosos como patrimônios imateriais. Quem também corroborou com essa ideia foi Alemberg Quindins, Oswald Barroso, professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), e José Lourenço, da editora Lira Nordestina, especializada em literatura de Cordel.

Durante os quatro dias do evento, além de muito debate, houve uma programação diversificada com exposições, espetáculo teatral, oficinas e a inauguração de mais três Museus Orgânicos: Museu Casa do Mestre Nena, em Juazeiro do Norte; Museu Casa do Mestre Raimundo Aniceto, no Crato, e Museu Casa Oficina de Dona Dinha, em Nova Olinda. Os museus orgânicos, inclusive, são um dos diferenciais da campanha de reconhecimento da Chapada como patrimônio.

No Seminário Internacional, foi elaborada ainda a Declaração de Compromisso da Chapada do Araripe. No documento, que tem como apoiadores o Governo Federal, o Governo do Estado do Ceará, Governos Municipais, ONGs, Universidades e instituições técnicas e científicas, são detalhadas as intenções da gestão compartilhada de políticas culturais e estratégias de projeção, nacional e internacionalmente. Um dos acordos é justamente a solicitação ao Iphan para a inscrição da Chapada na lista indicativa brasileira da proposta da candidatura.

O Cariri, assim, vive! E a Chapada do Araripe também! Quem afirma não são apenas os participantes do Seminário e os demais entusiastas do projeto, mas também os próprios mestres de cultura, que, com seus saberes e tradições, em consonância com a cultura, com a natureza e com a riqueza histórica da região, legitimam, há tantos anos, o seu legado para o País... e para o mundo!





FICHA TÉCNICA

Presidente do Sistema Fecomércio Ceará
Luiz Gastão Bittencourt da Silva

Diretor Regional
Henrique Jorge Javi de Sousa

Diretora Administrativa Sesc / Senac
Marlea Nobre da Costa Maciel

Diretor Financeiro Sesc / Senac
Gilberto Barroso Da Frota

Diretora de Programação Social Sesc
Débora Sombra Costa Lima

Gerente do Programa Cultura
Alemberg Quindins

Coordenação Geral
Raquel Barros

Redação
Alemberg Quindins
Bebel Medal
Conceição Lopes
Georgea Veras
Raquel Barros
Ribamar Moreira

Revisão
Elaine Pacheco
Larissa Madeira
Sabrina Lemos

Projeto Gráfico
Julião JR

Fotografia
Augusto Pessoa
Jr. Panela
Samuel Macedo



APOIO



PROJETO



PARCERIA

